



Investigación

Geografía e Literatura

Geografía y literatura

MARISTELA MARIA DE MORAES¹

¹Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI/ RS (Brasil).
e-mail: marimmm1@hotmail.com

RESUMO

Este texto trata do imaginário e do espaço na obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo e “Vidas Secas” de Graciliano Ramos, em que abordo questões referentes à Literatura e a Geografia, o que é Literatura, como é trabalhada em sala de aula, e qual sua importância para o ensino. Busquei categorias geográficas que considero relevantes na significação do texto literário, que são usadas como categorias de análise. Os resultados da pesquisa permitem inferir que a Literatura é uma aliada do ensino no que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento crítico do aluno sobre o mundo. A Geografia mostra-se parceira da Literatura, tendo em vista que as obras estão repletas de paisagens, espaços e lugares que, aliados ao imaginário, dão significado à narrativa. Defendo a possibilidade de um trabalho interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia que ainda é bastante recente. Isso se pôde comprovar através de uma pesquisa desenvolvida como o apoio da FAPERGS em que se fez o levantamento do Estado da Arte da Pesquisa em Ensino de Geografia no Estado do Rio Grande do Sul, e em cuja busca nada foi encontrado que contemplasse um estudo entre Literatura e Geografia.

Palavras-chave: Literatura, Imaginário, Geografia, Espaço, Ensino.

RESUMEN

Este texto trata del imaginario y el espacio en los libros “La barriada” de Aluisio Azevedo y “Vidas estériles” de Graciliano Ramos, en los que se abordan temas relacionados con literatura y geografía, lo que es la literatura, cómo se trabaja en el aula y cuál

es su importancia para la enseñanza. Se buscaron categorías geográficas relevantes del texto literario, que se utilizan como categorías analíticas. Los resultados del estudio permiten inferir que la literatura es un aliado de la enseñanza en relación con el desarrollo del pensamiento crítico sobre el mundo del estudiante. La geografía aparece asociada a la Literatura, ya que las obras están llenas de paisajes, espacios y lugares, que aliados al imaginario dan sentido a la narración. Se defiende la posibilidad de un trabajo interdisciplinario entre literatura y geografía, que todavía es bastante incipiente. Esto se demostró a través de una investigación desarrollada con el apoyo de FAPERGS, en donde se hizo un levantamiento del estado del arte en la enseñanza de la geografía en el estado de Rio Grande do Sul, en cuya búsqueda no se encontró nada que contemplara un estudio entre Literatura y Geografía.

Palabras clave: Literatura, Imaginario, Geografía, Espacio, Enseñanza.

INTRODUÇÃO

Neste texto realçado a importância da literatura bem como a possibilidade interdisciplinar que ela permite. Para isso, discuto o que é Literatura, quais suas funções, assim como também trago algumas categorias da Geografia que entendo ser importantes para compreender o texto literário. Em seguida, trago um recorte de dois clássicos da literatura brasileira “O Cortiço” de Aluísio Azevedo e “Vidas Secas” de Graciliano Ramos analisando-os a partir das categorias geográficas estudadas.

Instigada a discutir sobre a Literatura, sua importância e sua relação com o ensino, é que me proponho, ao mesmo tempo em que me desafio, a unir duas áreas do saber: Literatura e Geografia, com a ambição de construir um texto que discuta não só a importância da Literatura, mas de como a Geografia pode auxiliá-la e vice versa

nesse grande desafio da educação que é o de construir conhecimentos. Ressalto, porém, que meu objetivo não é tornar a Literatura apenas pedagógica, deixando de lado o seu valor ficcional e estético e sim buscar o prazer, o lúdico aliado a um pensamento crítico. Para isso trabalho com duas obras da Literatura brasileira: “O Cortiço” de Aluísio Azevedo e “Vidas Secas” de Graciliano Ramos. Busco, através dessas duas grandes obras da Literatura brasileira, mostrar como nossos escritores através da linguagem literária não só promovem um prazeroso contato com uma narrativa que nos remete para o imaginário como também nos atinge com situações reais que o homem enfrenta, e que serve para refletirmos, assim como também nos posicionarmos. Com isso, não só adentramos na visão estética, inclusive, pela representação do espaço, como também pela visão crítica.

Ressalto, que quando trato das obras literárias, além de fazer uso de alguns aportes teóricos, também me

permito a interpretá-las. O que faço amparada na metodologia, qualitativa, que sustenta a pesquisa, pois esta considera a interpretação e, portanto, vem ao encontro do estudo proposto. Desta forma, esta investigação se propõe primeiramente a tecer um diálogo com os autores a respeito das abordagens pretendidas. Em seguida, volta-se para as obras focando a interpretação, e relacionando-as com as categorias geográficas escolhidas. Desta forma, ratifico que a interpretação se deu a partir da possibilidade subjetiva que o texto literário permite, como também através das categorias geográficas escolhidas que me permitiram levar em consideração alguns aspectos ao invés de outros. Saliento ainda, que a escolha da ordem das obras deu-se pelo critério temporal. Enquanto “O Cortiço” procurava mostrar o Brasil do século XIX retratando a situação do capitalismo, “Vidas Secas”, escrita na década de trinta, século XX, enfoca o problema da seca, bem como às condições de vida miseráveis a que estavam expostos o sertanejo brasileiro.

O TEXTO LITERÁRIO

Antes de tratar do texto literário farei uma breve reflexão a respeito do texto em sentido mais geral, isto é, abordagem da tessitura do texto. É possível comparar o texto a um tecido o qual é composto por um entrelaçamento de muitos fios, uma espécie de teia

que se interliga e que prende o leitor. Um conjunto de palavras que formam uma frase, um fragmento, muitas páginas. Através de uma relação sintática (estrutura das palavras) e semântica (significado das palavras) os fios vão se entrelaçando e dizem algo. Pode ser um simples recado ou uma notícia informativa, mas pode ser uma obra com seus cenários, suas personagens e suas histórias de vida. Assim, podemos chamar de texto um poema, uma pintura, um mapa, um romance ou uma peça teatral. Todos, independentes do gênero, fazem uso da linguagem escrita para se comunicar.

Como não poderia ser diferente o texto literário também usa a linguagem escrita para se expressar, todavia, essa linguagem é diferenciada de outros gêneros. Para me aprofundar nas questões referentes ao texto literário, me apoio em D’onofrio (2004), um estudioso da Literatura que me ajudará conceituá-la. “A linguagem literária, por ser um sistema semiótico secundário que tem como significante o sistema linguístico, constitui-se num discurso conotado” (D’onofrio 2004, p. 13). A conotação poética se distingue de outros sistemas semióticos porque ela é sempre polisêmica, aberta a várias interpretações e isso a distingue. O texto literário é sempre plurissignificativo, isto é, a interpretação é dada de acordo com a subjetividade de cada leitor.

O leitor acolhe o texto de acordo com sua subjetividade, o que faz com que cada leitor interprete o texto lite-

rário de maneira diferente. Contudo, ao mesmo tempo em que o texto permite essas diferentes interpretações, também possui um grande poder de persuasão que prende o leitor, principalmente pela maneira com que usa as palavras, o que faz com que seja esse o primeiro impacto do texto literário. A Literatura usa palavras comuns, mas as recria dando-lhes um efeito surpreendente. É através delas que o poeta chama atenção de seus leitores/ouvintes para realidade da vida. Outro fator importante é o de que o leitor se identifica com o texto pelo fato de o humano estar sempre procurando vivenciar algo novo, e a ficção permite experimentar sensações diferentes.

Contudo, para alguns autores a arte, e nesta inclui-se a Literatura, não pode ser compreendida objetivamente por ser expressão de uma personalidade subjetiva. O que rebate D'onofrio (2004) que considera o objeto artístico provido de estrutura, pois para ele a literariedade não está no fato de o texto não ser estruturado, e sim na especificidade de sua estrutura.

Deixo claro, porém, que o texto literário é ficção, ou seja, imaginação de algo que não podemos dizer que é real, mas que possui uma verossimilhança com a realidade. A Literatura cria seu mundo autônomo do mundo de seu autor. Contudo, a ficção tem uma relação com o real, porque ninguém cria, escreve do nada, mas se essa narrativa se desse como se narra um fato acontecido, que se torna documentado

seria história e não arte. O autor possui sim estruturas que o permitem construir o seu mundo de imaginação. Mas, esta não é surreal porque o autor sempre discorre sobre situações e problemas da humanidade.

A partir dessas considerações sobre o que é Literatura me permito a introduzir as questões referentes ao Ensino de Literatura. No Ensino Fundamental a Literatura está atrelada a língua portuguesa, isto é, ela não está no currículo, e por isso tem de ser trabalhada junto com a língua, o que contribui para a sua deficiência. A Literatura passa então a ser usada, na maioria das vezes, para trabalhar a língua, o que faz com que perca seu verdadeiro sentido que é o de permitir que o aluno desenvolva o seu senso crítico e aprenda a entender o mundo através do prazer estético. No Ensino Médio essa situação muda, uma vez que ela se apresenta como disciplina e em virtude disso os documentos oficiais (PCN's/OCNEM) fazem referência a seu estudo. De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (OCNEM) na LDBEN de 1996 foram lançados três objetivos que deveriam ser alcançados no Ensino Médio e que são eles:

“Consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos; preparação básica para o trabalho e para a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições

de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LDBEN 1996, art. 35, p. 11).

Contudo, de acordo com OC-NEM (2006), tendo em vista que o primeiro objetivo diz respeito ao Ensino Médio como preparatório para o ensino superior e o segundo se refere como terminalidade, é no terceiro, e que engloba os outros dois, que se detém a Literatura, ou seja, ela visa o cumprimento deste item, isto é, contribuir para o desenvolvimento humano do aluno dando ênfase à autonomia intelectual e a criticidade sobre o mundo.

Para atingir esse objetivo, Coutinho (1976), outro autor que discute sobre o texto literário, mais precisamente em sala de aula, afirma que a Literatura não deve ater-se basicamente ao estudo histórico da Literatura, com memorização de sumários, biografias de autor, e com isso deixar de lado o que realmente importa que é a obra, e a partir dela desenvolver o gosto pela leitura literária e a sua compreensão como Literatura, ou seja, é necessário valorizar suas funções como a estética e lúdica. “O problema da literatura tem sido nos últimos anos, objeto de intensa investigação e revisão no que tange ao método, tendo em vista resolver o conflito entre o estudo histórico e crítico da literatura nos currículos de humanidades” (Coutinho 1976, p. 25).

Coutinho (1976) defende o estudo literário a partir dos gêneros. Ao fazer isso, se refere a um estudo que consiste na descrição de características, elementos que compõe a estrutura de cada gênero, sua organização interna, assim como também quais as evoluções que tiveram na Literatura universal e quais suas variedades principais. O ponto de partida do gênero é a motivação emocional, uma experiência humana. “Não há, pois, que negar a noção de gênero ou abandoná-la. Ela faz parte da literatura e constitui o núcleo da crítica e da teoria literária” (Coutinho 1976, p. 29). E diz mais:

“Em literatura, portanto, a ficção é um tipo de gênero narrativo e é empregado o termo para designar o romance, a novela, o conto, embora outras formas possuam qualidades da ficção: a fábula, a parábola, os contos e lendas folclóricos, e mesmo o drama” (Coutinho 1976, p. 31).

Ao tecer essa abordagem o autor defende que ao priorizar o texto em si, e a partir dos gêneros, o estudante/leitor se deparará com um menor número de obras o que permite que elas sejam mais bem analisadas, com mais profundidade. Além do mais, estimula o interesse pela leitura desenvolvendo a apreciação e favorecendo, assim, a ampliação dos horizontes intelectuais. Como se trabalha com o sentido da Literatura e não com a história ou biografia, permite que o aluno desenvolva o senso crítico e isso faz com que compreenda melhor o mundo. Acredito

que trabalhar com a Literatura, nessa perspectiva do autor, não só estamos colaborando na formação de vida do aluno como também permitindo, através dela, que ele se reafirme como ser humano.

Não é apenas a capacidade de apreciação e crítica que se desenvolve, mas incentiva-se dessa maneira a criação individual, colocando-se o espírito do jovem no âmago do próprio fenômeno literário, constituído pelas obras-primas da Literatura nacional e universal. Na leitura diária, o educando adquire os segredos do ofício, da técnica, da arte literária, dos artifícios e convenções, dos materiais que se transformam em criação literária, além da terminologia específica para o tratamento crítico. É a experiência que se enriquece (Coutinho 1976, p. 26).

Apesar de a Literatura ser ficção, fantasia, esta nunca é totalmente pura, ou seja, a Literatura refere-se constantemente à realidade. Ao ler uma obra literária nos deparamos com acontecimentos do cotidiano. Sendo assim, penso que a Literatura é de fundamental importância na formação do aluno, pois desenvolve a sua criatividade e a capacidade de criação além de torná-los leitores críticos. A Literatura é uma experiência que nos permite sentir, experimentar e ver a vida pelos olhos de outrem o que faz com que possamos vê-la de um ângulo diferente ao que estamos habituados, e sendo assim, possibilita refletir sobre o indivíduo e a sociedade.

A literatura no currículo auxilia o aluno em uma melhor compreensão do mundo assim como também permite uma maior consciência das mudanças que vimos enfrentando. O texto literário não pode ser considerado ultrapassado, isto é, como algo que não merece consideração e que não se insere nas tecnologias do momento, pois ele nunca perderá sua importância e sempre provocará sensações no leitor. Além do prazer estético, ele permite sentidos múltiplos em diferentes espaços e tempos. É por isso que as obras literárias resistem ao tempo e as mudanças. Daí sua importância para o ensino, na formação dos sujeitos.

O escritor tem a capacidade de transformar combinando a realidade com a percepção, isto é, o autor usa de elementos do meio, tais como a paisagem, o lugar, as personagens, mas dá vida a sua história com o sopro da imaginação. Desta forma, tanto o meio social influencia a obra de arte como também a arte influencia o meio. Assim, embora tenha frisado de que a Literatura é dada como ficção, também defendo que ela expressa a sociedade com seu aspecto social e seus problemas.

ESPAÇO, TEMPO E LUGAR

Estamos inseridos no espaço e no tempo, assim como também sabemos ser impossível dissociá-lo um do outro, pois à medida que muda o tempo

muda também o espaço. Desta forma, cabe a nós estudá-los conjuntamente. A Geografia se caracteriza por estudar o espaço, contudo, isto não implica que o estudo se dê apenas sobre objetos fixos ou móveis, mas também sobre os sujeitos e suas ações. Baseados, nessas considerações, busco entender melhor o espaço, como também outras categorias que dele podem ser depreendidas.

Para Santos (1988), o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, e sim uma realidade relacional. É por isso que não é possível defini-lo sem relacioná-lo com outras realidades, isto é, a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. Desta forma, é impossível pensar o espaço sem a sociedade que o movimenta, que interage com ele. E a Geografia como ciência social tem preocupação em estudar o espaço e suas relações.

“Não é o espaço, portando, como nas definições clássicas de geografia, o resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta, nem sequer um amálgama forma pela sociedade de hoje e o meio ambiente. O espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento” (Santos 1988, p. 10).

O estudo do lugar é de extrema importância, pois embora possamos falar da globalização, isto quer dizer,

falar que o mundo é global, é no lugar que as relações acontecem, é nele que o homem vive e se constitui.

Estudar e compreender o lugar para Callai (2009) significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas. O espaço construído é resultado da história das pessoas, dos grupos que nela vivem, como trabalham, se alimentam e usufruem do lazer. Isto resgata a identidade, e neste processo, é muito importante reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares.

Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente (Callai 2009, p. 84-85).

Em meio às questões referentes ao lugar, ressalto a identidade que diz respeito à subjetividade do lugar, e mais propriamente as experiências vividas no cotidiano. Chamo a atenção para a identidade, pois essa relação estará presente nas obras literárias que serão estudadas neste texto dissertativo.

Na visão de Cavalcanti (2008) a identidade é um fenômeno relacional. Seu aparecimento se dá na interação

entre os indivíduos com os lugares, as formas de vida e os modos de expressão. O indivíduo vai se identificando com o lugar e adquire um sentimento de pertencimento que é construído com a familiaridade, a afetividade que tem com o lugar.

“O lugar é, portanto, o habitual da vida cotidiana, mas, por outro lado, também é por onde se concretizam relações e processos globais. O lugar produz-se na relação do mundial com o local, que é ao mesmo tempo a possibilidade de manifestação do global e de realização de resistências à globalização” (Cavalcanti 2008, p. 50).

Como expõe Callai (2009), a identidade é constituída de um conjunto de características que formam a feição de um determinado espaço. Estas podem ser: valores, costumes, tradições, são elementos, que juntos, formam a identidade do lugar. Todavia, ao se trabalhar com a identidade deve se levar em conta que as relações entre as pessoas e os lugares apresentam contradições. Não são harmônicas, ao contrário, são conflituosas, pois não são homogêneas e por isso permitem o diferente.

O QUE É A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A LITERATURA E A GEOGRAFIA

É importante para este estudo entender o que é a interdisciplinaridade. Para tanto, faz-se necessário compre-

ender melhor este conceito e em que implica. Para isso, busco interlocução em autores que discutem o assunto, e que podem me ajudar a situar este conceito. Também faço referência aos documentos oficiais, Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM, 2000), uma vez que esses também abordam o tema.

Vale destacar, primeiramente, a abordagem que os PCNEM (2000) fazem a respeito da interdisciplinaridade e também da contextualização. Em uma proposta de reforma do currículo, esses documentos enfatizam que através da organização curricular por áreas que articulam a linguagem, a filosofia, as ciências naturais e humanas e as tecnologias, pretende-se contribuir para a superação do tratamento compartimentalizado do conhecimento escolar.

Nesta perspectiva a interdisciplinaridade não visa, pois, a criação de outras disciplinas, mas usar dos conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema ou ainda compreender um fenômeno. De acordo com os PCNEM (2000), a interdisciplinaridade precisa ser entendida a partir de uma abordagem relacional, isto é, se propõe, através da prática escolar, que sejam estabelecidas interconexões entre os conhecimentos em uma relação de complementaridade ou ainda de convergência ou divergência.

“Ao propor uma nova forma de organizar o currículo, trabalhando na perspectiva interdisciplinar e contextualizada, parte-se do pressu-

posto de que toda a aprendizagem significativa implica uma relação sujeito-objeto e que, para que esta se concretize, é necessário oferecer as condições para que os dois pólos do processo interajam” (PCNEM 2000, p. 22).

Morin (2000, 2003) faz referência em seus estudos à questão interdisciplinar, e por isso acho importante trazê-lo para o debate. Em sua obra “os sete saberes necessários à educação do futuro”, Morin (2000), faz uma série de discussões a respeito da educação atual e da educação do futuro. O autor aponta que os saberes estão desunidos, compartimentados, enquanto que a realidade ou os problemas são cada vez mais interdisciplinares, globais. Sendo assim, de acordo com o autor, é necessário situar as informações no contexto para que tenham sentido.

“Os problemas fundamentais e os problemas globais estão ausentes das ciências disciplinares. São salvaguardados apenas na filosofia, mas deixam de ser nutridos pelos aportes das ciências” (Morin 2000, p. 40).

Desta forma, as mentes formadas pelas disciplinas perdem a capacidade de contextualizar os saberes. Estes, quando fragmentados, fracionam os problemas, separam o que está unido.

Essa fragmentação é sentida na escola, em que cada disciplina ensina o seu saber. Com isso, o aluno sente a dificuldade em contextualizá-lo. Para Morin (2003), há uma grande dificuldade em encontrar uma “interarticu-

lação” entre as ciências. As disciplinas precisam comunicar-se e para isso a interdisciplinaridade muito contribui.

Contudo, é importante além de trazer a inclusão da interdisciplinaridade no currículo também abordar conceitos de interdisciplinaridade para que entendamos melhor qual a sua função no ensino. Nas reflexões de Morin (2003) a interdisciplinaridade nada mais é que uma cooperação e ainda reitera:

“Devemos “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo o que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas. É necessário também o “metadisciplinar”; o termo “meta” significa ultrapassar e conservar. Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada” (Morin 2003, p. 105).

AS OBRAS

“O Cortiço” é uma obra escrita por Aluísio Azevedo e foi lançado em 1890. O livro é composto de 23 capítulos, que relatam a vida em uma habitação coletiva de pessoas pobres que vivem em um cortiço na cidade do Rio de Janeiro. O romance é considerado por muitos estudiosos como peça-

chave para o melhor entendimento do Brasil do século XIX. No entanto, ressalto que sendo obra literária, o romance não pode ser entendido como um documento histórico, mas é possível percebermos que as ideologias e as relações sociais presentes nas obras eram muito parecidas com o que estava acontecendo na época no Brasil. A obra é narrada em terceira pessoa e está inserida no movimento naturalista, que leva em consideração os aspectos cognitivos e biológicos e defende que o homem sofre influências do meio social, assim como também do ambiente em que vive.

“Vidas Secas” é um romance escrito por Graciliano Ramos entre 1937 e 1938 e publicado, originalmente, em 1938. A obra é escrita em terceira pessoa e narra a história de uma família de retirantes do sertão brasileiro que vive em uma condição subumana, diante de problemas sociais como a seca, a pobreza, e a fome, e, em consequência, vive diferentes sentimentos e emoções que os obriga a viver e a procurar meios de sobrevivência, criando, assim, uma ligação muito forte com a situação social do Brasil hoje. O livro possui treze capítulos até certo ponto autônomos, mas que se ligam pela repetição de alguns motivos e temas tais como a paisagem árida, os pensamentos fragmentados das personagens, a linguagem usadas por estes, assim como também as diferenças sociais. A obra é considerada pelos críticos um marco na Literatura brasileira e principalmente ao Modernismo brasileiro.

A obra “O Cortiço” de Aluísio Azevedo foi considerada a expressão máxima do naturalismo brasileiro que buscava explicar o comportamento dos personagens com base na influência do meio, da raça e do momento histórico. O livro possui 23 capítulos, que relatam a vida em uma habitação coletiva de pessoas pobres - cortiço - na cidade do Rio de Janeiro. O romance possibilitou o entendimento do Brasil do século XIX. Porém, como obra literária, ele não pode ser entendido como um documento histórico da época. Mas, não há dúvida que podem ser estabelecidas relações com a história da época. Na narrativa, o espaço tem uma importância especial, pois se torna o principal personagem da obra.

Nos primeiros fragmentos temos a descrição da personagem de João Romão. A narrativa dá detalhes da ambição do mesmo que se aproveita do trabalho de Bertoleza para levar suas intenções a cabo. Nota-se que o desejo de enriquecer de João Romão é tratado como um propósito que pode ser considerado exagerado, pois age de forma desonesta e desumana, inclusive consigo, para atingir o que almeja.

“João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda

um conto e quinhentos em dinheiro” [...] p.

“Proprietário estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor; possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha” [...] p. 7

Bertoleza também trabalhava muito para manter-se. Era negra e além de pagar a seu dono pela liberdade provisória, também juntava dinheiro para comprar sua carta de alforria. João Romão percebendo a carência de Bertoleza torna-se primeiramente seu amigo e depois seu amante na intenção de explorá-la. A partir de então Bertoleza começa a ser peça importante para que os desejos de João Romão se concretizassem. Como se tratava da formação da cidade do Rio de Janeiro é possível percebermos, através da personagem Bertoleza, a situação do negro enfrentada na época, isto é, quando não era explorada pelo seu dono o era pelas outras pessoas da sociedade. Azevedo trouxe para a discussão as dificuldades enfrentadas pelo negro e principalmente pela mulher negra que além de ser explorada ainda é submetida ao total descaso.

Na obra temos dois espaços: o cortiço e o sobrado do Miranda. O casarão ficava, pois ao lado da venda de João Romão o que fazia com que formasse um contraste. Dois mundos que

se aproximavam ao mesmo tempo em que se distanciavam. O segundo espaço, o sobrado aristocratizante do comerciante Miranda e de sua família, representava a burguesia ascendente do século XIX. A partir dessa abordagem pode-se pensar que o explorador vivia muito próximo ao explorado, daí a estalagem de João Romão estar junto aos pobres moradores do cortiço. Ao lado, o burguês Miranda, de projeção social mais elevada que João Romão vivia em seu palacete com ares aristocráticos e temia o crescimento do cortiço. Por isso, pode-se dizer que “O Cortiço” não é somente um romance naturalista, mas uma alegoria do Brasil, pois além de retratar a formação da cidade do Rio de Janeiro, também faz referência a mistura de raças, que é uma das características brasileiras. Porém, essa mistura se realiza como relações de poder, exclusão, ou seja, não se trata de uma miscigenação tranquila. Os espaços fictícios narrados na obra exploravam a exuberante natureza local como meio determinante. No que diz respeito ao fato de o cortiço e o sobrado estar tão próximos, remeto-me a muitas situações com a qual convivemos em que condomínios de luxo estão próximos a favelas, ou ainda, mansões próximas a vilas pobres. Mundos tão distantes e ao mesmo tempo tão próximos, que já se tornaram comum na sociedade de hoje. E que remete, inclusive, ao espaço de localização onde interesses definem os lugares.

Contudo, João Romão estava decidido a ampliar as três casinhas a pon-

to de transformá-las em um cortiço, e para isso não se importava em passar pelas piores privações o que permite perceber o quanto a cobiça pode transformar o ser humano. E ainda, à medida que o cortiço ia crescendo, outras necessidades iam surgindo que dessem conta da atual demanda, e assim a vila ia tomando ares de cidade.

“Justamente por essa ocasião vendeu-se também um sobrado que ficava a direita da venda, separados apenas por aquelas vinte braças... Comprou um tal Miranda, negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja de fazendas por atacado” [...] p. 9

Aluísio Azevedo uniu na obra “O Cortiço” grupos humanos em um único coletivo. Nesse espaço foram descritos tipos sociais, “só que esses tipos apenas manifestavam-se como uma consequência do meio em que vivem, afinal, o grande personagem dessa história é na verdade a soma de tudo, ou seja, o cortiço. Os personagens sofrem influência direta do meio” (Silva 2010, p. 2). A descrição do cortiço é feita como se faz com qualquer outro personagem, isto é, minuciosamente, o que me leva a entendê-lo como um dos personagens do romance, senão um dos mais importantes.

“E aquilo se foi constituindo numa grande lavandeira, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o

revérbero das claras barracas de al-godão cru, armados sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jiraus, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco” [...] p. 15

Como já fora referido a obra “O Cortiço” está inserida dentro da escola realista e naturalista. Nas palavras de Silva (2010) o naturalismo é uma extensão do realismo. Desta forma, faz uso de todos os princípios realistas como: a objetividade, a observação dos tipos humanos, a verossimilhança e a visão cientificista da existência. A ênfase do naturalismo está nos aspectos exteriores em relação aos seus atos, suas descrições físicas e o ambiente do qual fazem parte. “O naturalismo volta-se para os aspectos biológicos e cognitivos, por entre uma visão mecânica do homem, sujeito às da hereditariedade, as influências do meio social e do ambiente em que vive” (Silva 2010, p. 9). O autor naturalista tinha a intenção de provar, através da obra literária, como o meio, a raça e a história determinam o homem e o levam à degenerescência. Desta forma, Aluísio se propõe a mostrar que a mistura de raças em um mesmo meio desemboca na promiscuidade sexual, moral e na completa degradação humana. Mas, além dessas discussões, o livro também apresenta outras questões pertinentes para pensar o Brasil, e que ainda são atuais, como a imensa desigualdade social. O que permite uma aproximação com a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos que também discute a questões sociais.

Nos próximos fragmentos temos uma descrição do cortiço onde é possível identificar uma comparação entre as pessoas do cortiço com animais. O autor trata o cortiço como um organismo vivo que cresce e expande suas raízes aumentando as forças daninhas de maneira a atingir o caráter de quem habita o seu interior. Aí está explícita a teoria naturalista de que o meio determina o homem. O que me remete a pensar sobre o lugar. O cortiço só tem vida por que as pessoas o habitam, são elas que o movimentam. O lugar/cortiço é o palco dos acontecimentos. Desta forma, baseado em Santos (2006, p. 230), pode-se inferir que “é o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar. Nesse sentido, pode-se dizer que, localmente, o espaço territorial age como norma”. Contudo, a força do lugar pode fazer com que não seja apenas palco, mas também sujeito que interfere na vida das pessoas que ali habitam, e coloca possibilidades e dificuldades.

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larva no esterco” [...] p. 15

Diferente da obra “O Cortiço”, “Vidas Secas” se dá no espaço rural. Nesta narrativa o leitor/ouvinte é convidado a percorrer o sertão nordestino

brasileiro. Em uma descrição minuciosa e cheia de emoções que descreve a fuga de uma família de retirantes, somos envolvidos nesta teia que é o texto, nos sentindo parte daquele meio. Escrita em terceira pessoa a obra de Graciliano Ramos mostra não só a realidade do sertanejo, como também os desafios enfrentados com a seca, e que reflete em uma sociedade esquecida e excluída. O romance foi escrito entre 1937 e 1938 e ainda se mantém atual. A abordagem que enfoca o descaso do governo com o nordeste, e o que poderíamos chamar de animalização do homem torna a obra uma das mais importantes da segunda fase do Movimento modernista, que trouxe à tona questões nacionais e regionais, o que possibilitou uma discussão sobre um dos sérios problemas enfrentados pelo Brasil, no caso da obra em questão, a seca (O período de 1922 e 1930 passava por definições no quadro político brasileiro. A arte também precisa ser revista, foi então que alguns artistas como Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, entre outros, organizaram em 1922, a Semana da Arte Moderna, sendo, pois, esta a assimilação de tendências culturais e artísticas lançadas pelas vanguardas europeias no período que antecedeu a Primeira Guerra mundial. Esse evento marcaria o início do Modernismo Brasileiro. Período marcado, sobretudo, pela liberdade de estilo e aproximação com a linguagem falada, assim como também pela procura da novidade e da velocidade).

Gostaria, primeiramente, de focar na oposição proposta pelo título vidas x secas. Enquanto a primeira nos passa ideia de renascimento, alegria, abundância, a segunda nos remete a tristeza, a falta. O próprio título já nos dá pistas da abordagem do autor. Assim, a terra que pode representar a vida é seca a ponto de representar a morte. E assim sendo, o homem que é a representação da vida se torna ‘seco’, isto é, não consegue viver como homem e mais parece bicho.

“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas” [...] p. 9

“Ausente do companheiro, a cachorra baleia tomou a frente do grupo... ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde havia descansado, a beira de uma poça: a fome apertava demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” [...] p. 11

A partir desses dois fragmentos dou início à interpretação da obra. É possível, desde logo, percebermos que se trata de uma descrição de um espaço rural, mais precisamente de um lugar marcado pela seca. Contudo, esse espaço não contém só a paisagem física que é aparente, mas também há pessoas que o ocupam, o que nos permite dizer que há relação entre o homem e o

meio. A obra relata a viagem de retirantes que há dias percorrem o sertão em busca de água e de alimento. O fato de terem sacrificado o papagaio para alimentar a família, deixa em evidência a cruel situação em que se encontravam. Além de estarem sem destino e sem esperança, também não possuíam alimentação, debilitados, pareciam não chegar a lugar algum.

O lugar se torna na obra um dos fatores principais da degradação humana, mas não é o único motivo, pois se agrega a ele o fator social. “Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem” (Callai 2009, p.84). A terra não permite produzir devido à escassez da água, e as pessoas que ali vivem se tornam sobreviventes do meio. Ou seja, estão sujeitos as condições do meio, além de estarem esquecidos pela sociedade. A forte descrição me remete as ideias de Santos (1988), quando discute a apreensão cognitiva da paisagem, e que o texto literário reforça, uma vez que o leitor reproduz no imaginário essa paisagem descrita de acordo com sua subjetividade. “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão cognitiva... Pessoas diferentes apresentam diferentes versões do mesmo fato” (Santos 1988, p. 22).

A linguagem é outro fator que o diferencia. Nota-se que a família praticamente não conversava. Na passagem

em que o papagaio é sacrificado, sinhá Vitória usa como desculpa, o fato de o papagaio somente repetir o latido de Baleia. O que deixa transparecer que a família não possui diálogo. A comunicação se dava na maioria das vezes por gestos, onomatopéias e exclamações. A língua usada era tão animalesca que o cavalo a que estava montado o compreendia. Todavia, a linguagem era objeto de desejo de Fabiano que admirava a fala difícil de seu Tomás da bolandeira. Essa ênfase ao uso deficiente da língua também é um fator que os aproxima do animal. Tendo em vista, que a linguagem é um dos fatores que tornam o homem humano, a deficiência dela, faz com que nos aproximemos dos animais. O que leva a crer que esta foi à intenção do autor quando deu ênfase a essa dificuldade de expressão de Fabiano e sua família. Outra questão que pode ser inferida é o de que o silêncio também fala. O silêncio de Fabiano e sua família é um silêncio que grita, inclusive dentro de nós, pois nos põe em reflexão, nos angustia e nos fazer querer entender. Assim, é para Fabiano e sua família. Eles também querem entender esse mundo em que viver é muito difícil.

A festa de natal em que Fabiano e a família comparecem é mais um dos acontecimentos que o submetem a condições inferiores aos demais. Primeiramente os preparativos, em que Fabiano compra tecidos para a confecção de roupas para a família. Contudo, como o dinheiro é escasso, o tecido é comprado em quantidade insuficiente para o feitiço

das roupas. O que faz com que as mesmas saiam curtas e cheias de emendas. Desde já, a situação indica uma desigualdade que os diferencia dos outros participantes. Outro fator é o de que acostumados a andar com roupas folgadas e simples e o pouco uso de calçados, fazia com que tivessem dificuldades de se locomover devido às roupas e sapatos apertados. Também é possível perceber que o lugar tem relação de poder, que acua quem não o domina.

“Não sentiam curiosidades, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era bravo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a agüentar cascudos e puxões de orelhas” [...] p. 74

Como se não bastasse, Fabiano sentia-se como se tivesse rodeado de inimigos. O desconforto era tamanho que se misturava à revolta, à alucinação. É notável que Fabiano não se sentia parte daquela sociedade, tudo o que queria era fugir, pois sentia-se angustiado com a situação em que se encontrava. Essa passagem me remete a Castrogiovanni (2009) quando diz que o espaço é todos. Essa afirmação faz do espaço um lugar do homem a que todos têm direito. O espaço permite, através do lugar, que as relações aconteçam e, portanto, pertencem a

todos, contudo nem sempre isso acontece e muitas vezes ele é seletivo, um elemento de exclusão. “Os espaços são também seletivos. Ao mesmo tempo em que podem acolher, podem excluir, dependendo das relações econômicas, da cultura, do acesso aos bens produzidos socialmente, e que muitas vezes são apropriados particularizadamente” (Callai 2009, p. 119). Para Fabiano, por exemplo, a afirmação de que o espaço é de todos não se concretiza, pois neste espaço descrito não há lugar para ele e sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reafirmo, a partir dessa pesquisa, o quanto a Literatura nos faz pensar, pois ela nos remete a muitas possibilidades. O imaginário é elemento indispensável na significação do texto, e diria mais, na vida, pois o mundo real é menor que o mundo da imaginação.

Meu principal objetivo neste texto foi o de mostrar a importância da Literatura, uma vez que a considero muito importante na vida do sujeito, na sua formação, e na maneira de ver o mundo. Para isso, pensei em mostrar a possibilidade interdisciplinar da Literatura. Contudo, Ao longo do texto surgiram outras preocupações que me remetem a pensar em quais os auxílios que a escola oferece a esse professor? Penso que teríamos que discutir essas questões com a escola, e com os colegas. Levar para o grupo as inquietações, não só

de determinada área, para juntos pensar possibilidades e então ser possível a interdisciplinaridade. Percebo que é necessária essa não fragmentação, mas para isso a escola também tem que estar envolvida.

Tenho plena consciência de o caminho é longo, mas que vale a pena percorrer. As possibilidades dos textos literários, que não são só romances, mas também contos, crônicas, poemas entre outros, são muitas. No estudo que fiz, estabeleci relações com a Geografia, mas outras áreas poderiam ser acolhidas. A partir das categorias geográficas, foi possível uma reflexão das relações entre o homem e o espaço e, principalmente, perceber a força do lugar. O quando ele influencia nas relações e o quanto é definidor. Contudo, De acordo com uma pesquisa desenvolvida como o apoio da FAPERGS em que se fez o levantamento do Estado da Arte da Pesquisa em Ensino de Geografia no Estado do Rio Grande do Sul, foi possível perceber a deficiência nos estudos que contemplem a interdisciplinaridade, o que permite pensar em possibilidades para que ela aconteça.

“Que isomorfismo poderíamos querer encontrar em coisas tão díspares quanto a crítica literária e a geografia uma vez que a Literatura é criação artística e a Geografia é, ou pelo menos pretende ser construção científica? A noção de localização espacial configurada no “lugar” aparece como o denominador comum no princípio dessa possível aliança” (Monteiro 2002, p. 13).

Convém esclarecer, que o imaginário é quem impulsiona o leitor/ouvinte. Por isso, ele é um aliado do texto literário e do ensino. As descrições sejam da paisagem árida de “Vidas Secas” ou da habitação desordenada em “O Cortiço” permitem recriar imagens, e a partir destas dar um sentido para o texto. Por isso, quando ressalto a importância da Literatura estou também ressaltando a importância do imaginário na formação do aluno. “Nossos literatos não só têm dado testemunho como denunciado, de modo claro e às vezes bem enfático, a injustiça social de que nos revestimos” (Monteiro 2002, p. 90).

A interdisciplinaridade é uma das maneiras de tornar a Literatura mais atraente, além de permitir a outras áreas do saber uma aprendizagem não fragmentada. Desta forma, defendi neste texto a importância da Literatura, como também a interdisciplinaridade através da relação estabelecida com a Geografia. Nesse sentido, penso que esse texto oferece alguma contribuição para a escola, principalmente para os professores de Literatura que veem suas questões abordadas e colocadas no rol das discussões como também para a Geografia que tem a possibilidade de fazer da Literatura sua aliada no ensino. Pois, na visão de Monteiro,

“A trama representa a condição humana. A sua comunicação, o seu “tomar vida”, requer, forçosamente, a projeção dessa trama num dado espaço-tempo, um “palco”-praticável concreto – em que qual-

quer trama “humana” está envolta nas malhas de diferentes espaços relacionais: social, político, econômico, cultural” (Monteiro 2002, p. 25).

A Escola necessita, mais do que nunca, considerando o mundo global em que estamos inseridos, formar cidadãos críticos, reflexivos e autônomos. Então se faz necessário, nós professores, pensar além de nossa disciplina, isto é, pensar mais no todo. Mas para isso, precisamos partir da nossa área. Valorizar aquilo que melhor entendemos, porém sem menosprezar o conhecimento mútuo, que nos faz refletir, superar e aprender.

AGRADECIMENTOS

Este texto é um recorte de minha dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI/RS. Este trabalho foi apresentado no II Simpósio Internacional de Pesquisadores em Didática da Geografia, organizado pela REDLADGEO e Universidad Academia de Humanismo Cristiano, em Santiago, Chile, entre 16 e 18 de abril de 2012.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, A. (2008). *O Cortiço*. Editorial Ciranda Cultural. São Paulo, Brasil.
- LDBEN (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Brasília: MEC, BRASIL.
- PCNEM (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias*. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). Brasília: MEC/Semtec, Brasil.
- OCNEM (2006). *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – volume 2 – Linguagem, Códigos e suas Tecnologias*. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica. Brasília, Brasil, 135 pp.
- Callai, C.H. (2009). *Estudar o lugar para compreender o mundo*. In: *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. (Org: Castrogiovani, A.C.). Editorial Porto Alegre: Mediação, 7 edicion. Brasil. 2: 83-134.
- Callai, C.H. (2009). *O lugar e o ensino-aprendizagem da geografia*. In: *La espesura del lugar: Reflexiones sobre el espacio en el mundo educativo* (Org: Garrido, M.). Ediciones Universidad Academia de Humanismo Cristiano, Santiago, Chile.
- Cavalcanti, L.S. (2008). *A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Editorial Papirus. Campinas, São Paulo, Brasil.
- Coutinho, A. (1976). *Notas de teoria literária*. Editorial Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, Brasil.
- D’onofrio, S. (1990). *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. Editorial Ática. São Paulo, Brasil.
- D’onofrio, S. (2004). *Teoria do texto. Prolegômenos e teoria da narrativa*. Editorial Ática. São Paulo, Brasil.
- Monteiro, C.A.F. (2002). *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Editorial da UFSC, Florianópolis, Brasil.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. (Trad: da Silva, C.E.F. & Sawaya, J.). Editorial Cortez. Brasília, Brasil.
- Morin, E. (2003). *A cabeça bem feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento*. (Trad: Jacobina, E.). Editorial Beltrand Brasil. Rio de Janeiro, Brasil.
- Ramos, G. (2010). *Vidas Secas*. Editorial Record. Rio de Janeiro, Brasil.
- Santos, M. (1988). *Metamorfose do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*. Editorial Hucitec. São Paulo, Brasil.
- Santos, M. (2006). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. Editorial Universidade de São Paulo. 4ta edicion. São Paulo, Brasil.
- Silva, F.A.F. (2010). *Uma análise sobre a relevância do espaço como personagem na obra “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo*. Revela: Periódico de divulgação científica da FALS. Ano IV – n VIII – JUN/2010. Disponível em: <http://www.fals.com.br>. Acesso em: 27 Set. 2011.